

O problema será o Sarney?

* 6 AGO 1989

Luiz Carlos Barreto*

Ação expoliadora do regime colonial, no Brasil, em 389 anos de domínio, não foi tão criminosa quanto os 100 anos de regime republicano liderado e dirigido pelas elites deste país, que, sem pudor e sem piedade, submeteram e continuam submetendo o povo brasileiro a um massacre, um verdadeiro extermínio moral, físico e social.

Um dos maiores índices de mortalidade infantil — de cada 10 crianças nascidas, sete não chegam a completar 10 anos de idade; mais de dois terços da população vivendo em miséria absoluta, conforme atestam os indicadores sociais alarmantes nos campos da alimentação, saúde, habitação, saneamento básico, educação, emprego, renda familiar e *per capita*; regime feudal da propriedade da terra; enorme contingente das populações urbanas e rurais marginalizadas, determinando altos índices de criminalidade; febre inflacionária permanente; maior dívida externa do mundo; dívida interna fora de controle; sofisticado parque industrial, bolsões avançados de desenvolvimento científico e tecnológico; dinâmico sistema exportador de matérias-primas, manufaturados e produtos agrícolas; fabricante e exportador de armas e de crques de futebol; fornecedor de oxigênio e calor úmido para o mundo inteiro, que são jogados na atmosfera pela maior floresta tropical do planeta; oitava economia mundial à custa da fome, da miséria, da exploração e do massacre secular de seu povo.

Eis o retrato, a cara do Brasil neste final do século XX, limiar do século XXI.

Esta é a herança, o legado que as elites políticas, econômicas, enfim, a classe dominante e dirigente, a mais voraz, egocêntrica e predatória do mundo, deixam para as gerações futuras de brasileiros.

É o resultado de um grande saqueamento, de uma ação corrosiva permanente, violenta, e talvez sem igual na história da humanidade.

O descrédito, o desprestígio das instituições básicas do regime republicano e sua conseqüente instabilidade são o resultado da incompetência, da irresponsabilidade da classe dominante deste país que nem sequer soube, ao longo de um século, implantar um regime capitalista verdadeiro, baseado no mínimo de justiça social.

Nestes 100 anos de República, o que se desenvolveu foi um sistema pré-capitalista selvagem, cartorial e que parece querer institucionalizar-se para continuar o saque das riquezas nacionais, o massacre do povo.

Para se ter a prova concreta, a certeza de que tudo o que está dito acima não é obra de ficção, ou uma especulação pessimista, basta abrir os olhos, aguçar os ouvidos e viver o dia-a-dia das cidades e dos campos deste Brasil.

Ou melhor: ligue a televisão, o rádio, leia os jornais, as revistas, mergulhe de cabeça na comunicação de massa que, apesar de dominada por um restrito número de pessoas e grupos ligados ao sistema, enfim, aos interesses da classe dominante, não consegue sufocar, esconder ou censurar a realidade do cotidiano.

É só ver, ouvir e ler: menores abandonados assassinados, no Rio, por grupos de extermínio formados por jovens da classe média alta, a pretexto de combater a delinquência juvenil e evitar a proliferação de futuros bandidos; mais de 400 pessoas assassinadas no primeiro trimestre, no Rio de Janeiro, e quase outro tanto em São Paulo, Belo Horizonte, Recife, Salvador e nas Zonas de conflitos de terra, onde impera a lei do mais forte. Assaltos nas ruas, nos ônibus, nos táxis, nos trens, nos apartamentos de luxo e mansões das zonas ricas, onde a classe dominante procura isolar-se e se pro-

teger atrás de altos muros, condomínios, sofisticados sistemas eletrônicos de segurança, mas que nada protegem, porque a miséria e a luta pela difícil sobrevivência atingem contingentes cada vez maiores das populações urbanas e rurais.

As ondas de miseráveis famintos, doentes sem hospitais, sem teto, sem trabalho, sem escolas, enfim, sem o mínimo direito à vida, à cidadania, se multiplicam cada dia ante a indiferença suicida da classe dirigente, apenas preocupada em obter lucros fáceis e extraordinários, lícitos e ilícitos, levando sempre vantagem, patrocinando e espalhando a corrupção com suas "caixas 2", pagando baixos e miseráveis salários, sonegando impostos, que possibilitariam ao Estado investir nos programas sociais, remetendo ilegalmente dólares para suas contas nos paraísos fiscais, em vez de reinvestir nos seus negócios, aumentando a produção, criando empregos, forjando um mercado interno vigoroso, acreditando no país.

A meta dessa classe dominante sempre foi produzir pouco e ganhar muito, no jogo de cartas marcadas da ciranda financeira. Investimento em pesquisa científica e tecnológica, renovação de equipamento industrial, aumento da produção e redução de custos, só com o dinheiro do governo, na base de financiamentos subsidiados. Os lucros colocados à parte, nas contas secretas no exterior, numa repetição, em escala maior, dos procedimentos coloniais quando portugueses, holandeses, france-

ses, em tempos mais remotos, e as multinacionais nos dias de hoje, invadiram esta nação e iniciaram sua devastação através do saqueamento de suas riquezas, deixando aqui implantada uma ordem social, política e cultural dominada por seus representantes, esta classe di-

rigente que não soube recompensar e devolver ao seu povo o que lhe é devido por méritos incontestáveis, dada a sua capacidade quase sem limites de resistir e de se superar na sua determinação de vida, no trabalho, na sua criatividade, na sua generosidade, no seu amor ao país, na sua vontade e vocação para ser feliz, e que cada vez mais vê seus objetivos se frustrarem ante a atitude exploradora dos neocolonizadores em que se transformou a classe dominante brasileira, instalada no ventre sujo da inflação que ela cultiva com esmerado zelo e dela se ceva como quem se serve dos restos de um banquete servido há séculos.

Instalada que está uma nova ordem jurídica, liberdades constitucionais asseguradas, processo político em desenvolvimento, debate aberto e livre, aproveitemos a oportunidade para uma reflexão profunda: esse respeito.

Ainda é tempo de fazer correções nos rumos dessa atitude autofágica da nossa classe dirigente. E preciso definir o papel e a prioridade do Estado brasileiro, em função da solução dos reais e concretos problemas da nação e do povo. Talvez as eleições de novembro próximo sejam a última oportunidade histórica que este povo concederá à classe política, que sempre esteve a reboque e a serviço da classe dominante, para mudar de lado e passar, definitivamente, a defender os interesses da sociedade, da nação, do povo.

Ao se iniciar o segundo século de vida republicana é chegada a hora de transformarmos este país de 30 milhões (se tanto) de privilegiados numa nação de 140 milhões de cidadãos. *Viva o povo brasileiro!*

* Produtor de cinema, presidente da Associação Brasileira de Produtores Cinematográficos.

**“O Brasil deste
final do século XX
é o resultado
de um grande
saqueamento, de
uma ação corrosiva
permanente,
violenta, e talvez
sem igual
na história
da humanidade.”**